

PIM PAM PUM



SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

ANO XV

LISBOA, 15 DE FEVEREIRO DE 1940

N.º 733

UMA NOVELA de AUGUSTO de SANTA-RITA

A VIDA DO "ZÉ" PIMPÃO

(Continuado do número anterior)

— **A**LTO!... Gritou instintivamente o pequeno aprendiz, voltando-se, de súbito, e procurando ocultar, com o corpo, o automóvel brinquedo, destinado à Jénita, como surpresa, no dia do seu aniversário.

A atitude afitiva do Zézito Pimpão, intrigavam deveras a Jénita e seu pai que, suspendendo o passo, obedeceram inconscientemente à intimativa do garoto.

— «Que estavas fazendo aqui, sózinho, a esta hora? Quero saber!» exclamou de sobrlho carregado o proprietário das oficinas, um pouco apreensivo, a-pesar da simpatia e do apreço que sempre lhe havia merecido o esperto aprendiz.

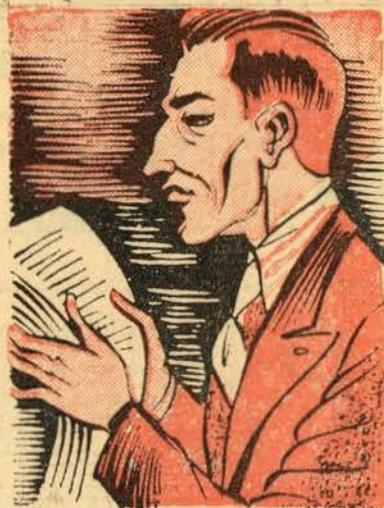
— «Peço-lhes que se retirem imediatamente. Pelo menos a sua filha, senhor Comendador Richard.» Implorou o Zézito Pimpão, ao mesmo tempo que, surratemente, com uma das mãos atrás das costas, puxava uma chapa de zinco flexível, deligenciando encobrir, com ela, o trabalho que tinha entre mãos.

Fred Richard não pde evitar um sorriso, ante a perplexidade do pequeno e, voltando-se para a filha,

exclamou severamente: — «Retira-te, Jénita. Vai andando para o carro que nos espera à porta, que eu já lá vou ter contigo. Preciso esclarecer este caso deveras intrigante.»

Jénita, a-pesar da grande curiosidade de que estava possuída, obedeceu, prontamente, à ordem de seu pai. Já a sós com o pequeno aprendiz, Fred Richard tomou uma atitude decisiva e ordenou: — «Explica-te agora... Que estavas fazendo? Deixa ver...»

Zézito Pimpão, com o seu habitual modo agaiatado e jovial, exclamou coçando na cabeça: — «Diacho, que me apanharam descalço! Eu lhe explico, patrão Fred... Autorizado pelo senhor gerente, dispus-me a construir, nas horas vagas, um automóvel miniatura, para o oferecer à menina Jénita no dia do seu aniversário. El-lo... Está quasi pronto.» E, dando um puxão à chapa de zinco que o cobria, pô-lo sobre os olhos maravilhados de Fred Richard, que se sentia agora quasi comovido pela penhorante lembrança do aprendiz. O espanto do dono da oficina redobrava à medida que o Zézito Pimpão lhe ia apontando tôdas as peças que constituíam o seu perfeito mecanismo, em tudo semelhante aos dos automóveis a valer, pois como



êles se movia por meio de um motor a gasolina.

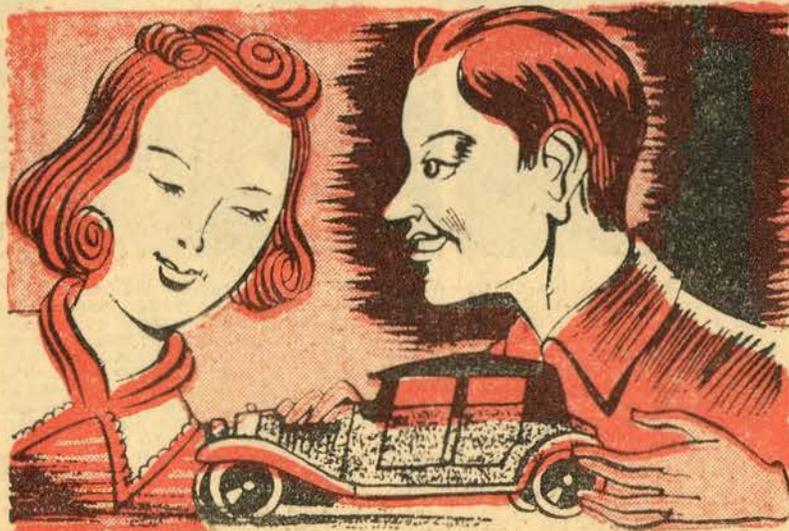
— «Bravo! Es um artista!...» exclamou entusiasmado o senhor Richard, dando-lhe um grande abraço.

— «Oh, senhor Fred!...» tartamudeou o pequenito, a rejubilar pela bela impressão que produzira no espirito daquele, o engenhoso brinquedo.

— «Vou fazer de ti um grande homem, vou tomar-te à minha conta. Ainda virás a ser um engenheiro notável.» E, após mais uma ligeira troca de palavras, Fred Richard entrava no seu carro «Dodge», onde Jénita o aguardava impaciente e ansiosa pela justificação da atitude do pequeno aprendiz. Fred, porém, não satisfz a sua curiosidade, pedindo-lhe que aguardasse a explicação mais tarde. Entretanto, não pde deixar de expandir o seu entusiasmo pela aptidão do modesto aprendiz, rendendo-lhe os maiores louvores.

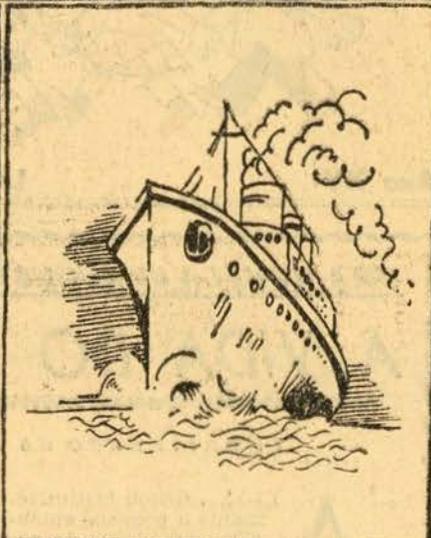
Soavam no sino da Sé as dez horas da noite quando, em casa da ti'Ana avó, bateram alvoroçadamente à porta. Embora já habituada à demora do neto, Ti'Ana correu a abri-la, receosa de qualquer má noticia. Qual não foi, portanto, a sua grande alegria ao ver o neto, radiante, abraçado ao seu pescoço, forçando-a a rodopiar, numa grande estouvância.

— «Porque vens assim tão contente, meu estorolinha?» perguntou-lhe a Avó que, minutos depois, o abraçava também, felicitando-o pelas palavras animadoras de Fred Richard.



(Continua na página 3)

SALVO PELO MEU GATO!



PORQUE tenho eu um fraco pelos gatos? Porque lhes perdoo os seus caprichos, o seu egoísmo, mesmo a sua hipocrisia? Primeiramente, pela sua graciosidade, porque são dóceis, elegantes, porque os seus gestos são harmoniosos, as suas atitudes cheias de dignidade, de chiste.

— Mas esquece a sua crueldade? Não se sente revoltado ao ver a sua gata brincar com os ratos que ela apanha, para os largar em seguida, a-fim-de ter o prazer de os tornar a apanhar, saboreando as suas

angústias e o prolongamento da sua agonia?

— Oh! os ratos...

— E os pássaros?! Ontem, a Mirette depenou vivo o papagalho da vizinha.

— Oh! os passaros...

— Como?! O senhor não tem dó dos pássaros?

— Então, o papagalho é um pássaro? Esse tagarela que me ensurdece. Quando são passaros, cantam, chilreiam, gorgelam, mas não berram: — «Quem passa!»

— Isso não é uma razão!

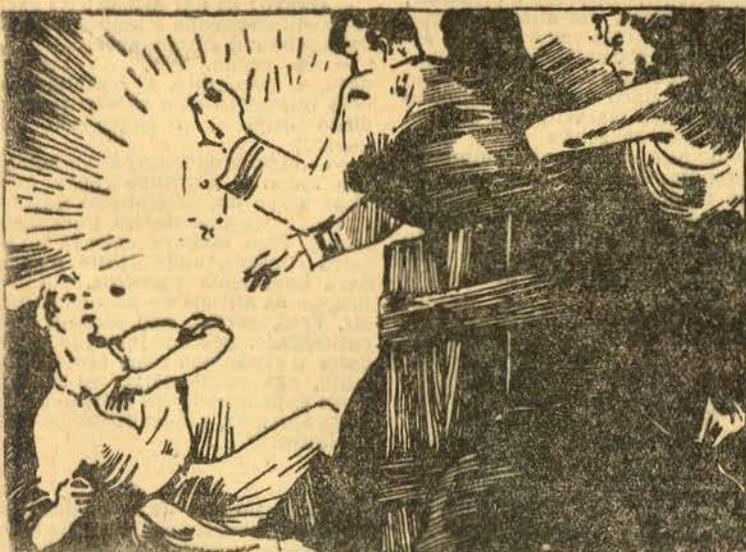
— Sim!

— Oh! Comandante...

Não há «Oh! Comandante...» Detesto essa casta dos ratos e dos alados. Cá tenho as minhas razões para isso.

— Pois desejaríamos bastante conhecê-las.

— Seja... Antes de me aposentar, fui capitão de longo curso, como sabem, mas o que não sabem é que eu não saí da Escola Hidrográfica, mas sim que fui com o meu próprio esforço, a força de pulso, que adquiri a minha situação, tendo conhecido todas as etapas: capitão, imediato, cão de bordo, tenente, praticante de



piloto, patrão, marinheiro, grumete. E antes de ser engajado como grumete, tinha já embarcado como... como passageiro clandestino, pois eu queria ver todas as faces do bola redonda e nenhum comandante me admitia, porque eu não servia para coisa alguma. Pois, meus bons amigos, uma bela noite, no Havre, tendo fugido da casa paterna, com o meu companheiro de brincadeiras — um grande gato preto, que dava pelo nome de Misti munido dum pão, seis maçãs e dum queijo, comecei as minhas aventuras, escondendo-me no fundo do porão dum brigue, pronto a levantar ferro para o Brasil.

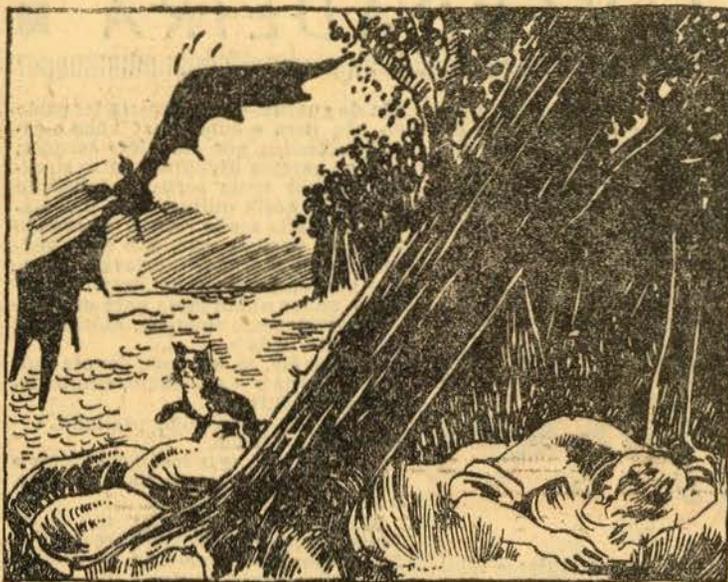
Naturalmente, ao fim de três dias, a fome, que faz sair o lobo do bosque, fazia sair do esconderijo o tratante do meu Misti, que se entregou à caça dos ratos e se sustentava bem assim; porém, eu, apesar da minha boa vontade, não pude resistir-me a alimentar-me dessa qualidade de carne. De orelha murcha e dentes afiados, fiz a minha aparição na ponte.

Não se era compassivo nessa época! O comandante fez-me escolher legumes, descascar batatas e lavar pratos. Mesters bem prosalcos para um aventureiro, não acham?

Acreditam, certamente, que da despen-

sa, onde eu estava, não podia gozar das belezas do vasto mundo. Mas, o que mais ainda me inquietava, é que, apesar das minhas súplicas, das minhas boas resoluções e, mesmo, do zelo louvável com que desempenhava as funções de bicho de cozinha — não obstante a intervenção do galo (cozinheiro-chefe a bordo) que eu conseguira interessar pela minha sorte, o comandante mantinha a sua decisão de me entregar ao consul do primeiro porto em que tocássemos, com o fim de me repatriarem.

Uma tal perspectiva impedia-me de dormir. Calculem o que seria, desembar-



GUY LISBOA-40



car no Havre e ser levado pela policia, de brigada em brigada até a casa paterna, como um malfetor! O recto comandante tinha razão; eu, no seu lugar, agiria da mesma maneira mas, quando se tem treze anos e nas veias azougue dos aventureiros, não se atende à razão, nem às leis, nem à responsabilidade. A força de me voltar e tornar a voltar na rede, durante as minhas longas noites de insónia, uma ideia me surgiu de me despedir à francesa do comandante, logo que tocássemos em terra.

Em tempo normal, isso teria sido difícil. Porém, a sorte favoreceu-me. Ao chegar ao Rio de Janeiro, fomos postos de quarentena. Ninguém de bordo podia ir a terra; o comandante não teve pois outro remédio senão resignar-se, para só me entregar às autoridades quando o serviço de saúde permitisse o desembarque. Desde então, o meu plano ficou delineado. Uma noite, com a minha bagagem às costas, misti ao ombro, deixei-me deslizar, sem barulho, por um cabo, para as águas tépidas da baía; alguns minutos de natação permitiram-me chegar à praia deserta onde o navio viera ancorar.

«Depressa mudei de roupa e internei-me no interior, procurando pôr a maior distância possível entre mim e a policia, que não tardaria em me perseguir. Não parei senão quando foi dia, no cimo dum monte que domina a baía maravilhosa do Rio e o panorama, que descobri lá de cima, compensou as contrariedades que eu atravessara. A sua beleza não foi, contudo, de tal ordem que me inibisse de me agachar sob o arvoredo, onde dormi até à noite.

Não lhes narrarei minuciosamente as dificuldades que experimentei, em seguida, para viajar, para ganhar o meu sustento e para aprender o português. Sabam somente que, um mês depois, eu era contratado para a colheita do café, em casa dum rendeiro, que acabava de demolir um canto da floresta, no centro do Estado de S. Paulo.

Todo o dia amontoava em cestos essas pequenas cerejas vermelhas, cujos dois caroços fechados continham, cada um, um grão de café. À noite suspendia — como faziam os meus companheiros de trabalho — a minha rede entre dois troncos de árvore e dormia ao relento, com misti deitado aos pés.

Ora, uma dessas noites, por tempo sombrio e pesado, a pesar-da minha fadiga estive muito tempo sem que adormecesse. Oprimia-me uma sensação esquisita. Essa tibia, os perfumes estranhos que a floresta exalava na sombra, as formas extraordinárias da vegetação, tudo isto me impressionava penosamente e, pela primeira vez, lastimei ter saído de casa de meus pais. Por fim, após longas horas de insónia, caí, pouco a pouco, numa espécie de torpôr, com uma sensação de bem-estar. Seria um sonho? A roda de mim, ouvia como que passos aveludados. Parecia-me que um leque me refrescava deliciosamente. Já não sentia cansaço, nem o ar pesado, nem a pouca comodidade da rede. Depois, julguei que uma mão me acariciava. Não seria a minha mãe que me aparecia no meu sonho? Num momento, tive a impressão que me picavam no pescoço e quasi que despertei. Mas, logo a seguir, a mão delicada pôs-se a acariciar-me, uma brisa deliciosa me envolvia, e mergulhei na inconsciência dum esquisito entorpecimento...

De novo, via minha mãe, quando, brus-

(Continua na pág. 6)

■ A VIDA DO «ZÉ» PIMPÃO (Continuado da pág. 1) ■

— «Ainda hei-de vir a ser rico!» repetia o pequeno aprendiz ao mesmo tempo que a avózinha tornava: — «Querer é poder, meu Zézito! Aprende, aprende e trabalha!»

Abertas de par em par, as portas dos salões da luxuosa residência de Fred Richard, induziam a multidão dos con-

vidados a percorrer o festivo ambiente daquela recepção, comemorativa do aniversário da Jénita.

No meio daquela confusão de gente de alta categoria, um pequenito surgiu, modestamente vestido, e sobraçando um grande embrulho, seguido pelo dono da casa que, sorridente, com um ar

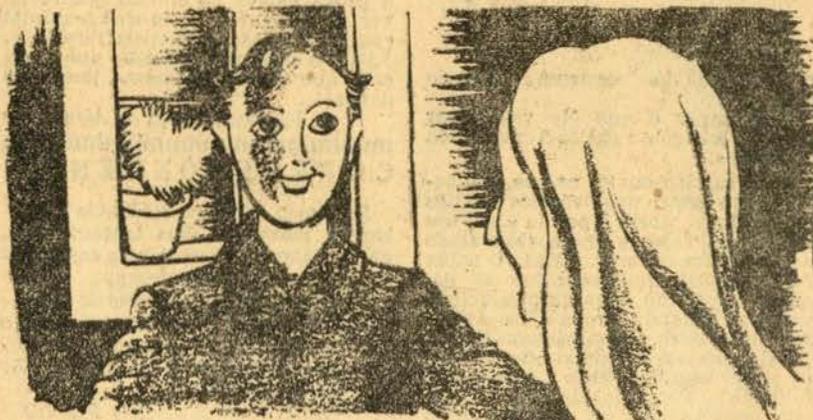
paternal, o encaminhava, em busca da Jénita que, luxuosamente vestida, sorria enleada entre uma roda de galanteadores, a um canto do salão principal.

— «Jénita!...» exclamou o comendador Richard, indicando-lhe o pequeno aprendiz das oficinas «Gore, Limitada», pois era ele, como já por certo os nossos leitorzinhos adivinharam. — «aqui tens mais um presente; e que presente admirável, Jénita!»

Um momento de hesitação por parte de ambos, revelou aos olhos curiosos dos circunstantes a falta de convívio protocolar do Zézito Pimpão e a diferença de categoria da filha do grande industrial. Mas Jénita, que era inteligente e bondosa, logo desfez o embaraço do pequeno aprendiz, estendendo-lhe francamente a mão e exclamando com o seu melhor sorriso: — «Mas que lembrança tão gentil a sua.. Então, o que me traz?»

E, ao mesmo tempo que desembrolhava a sua oferta, que representava o trabalho de tantos meses, nas horas vagas da oficina, o Zézito Pimpão exclamava por sua vez, sorridente e comovido: — «Um automovel Gore para a sua boneca.»

(Continua no próximo número)



A HISTORIA VERDADEIRA

O Sultão, enorme canzarrão da Serra da Estrêla, companheiro inseparável da Terezinha e do Toneco, havia desaparecido!

Foi um sarilho naquela casa! Os meninos choravam, inconsoláveis, os senhores zangavam-se, furiosos, pelo pouco cuidado com que guardavam o cão, a cozinheira, esbaforida, correu até ao talho, na esperança de que ele lá tivesse ficado, pois tódas as manhãs saía, com um cesto na bôca, para ir ali buscar a carne do seu jantar.

A outra criada fez buscas por tódas as ruas e travessas próximas e, por fim, deu parte à policia e foi pôr um anúncio nos jornais.

Mas dois dias se passaram sem notícias do animal.

Os pequenos, acostumados a vê-lo, a tóda a hora, atrás deles, não se podiam conformar com a sua perda.

— «Ingrato Sultão!» — exclamava a Terezinha, muito desgostosa.

— «Afinal, porque nos dava tantos beijinhos e nos fazia tantas festas, se não era nosso amigo?»

— «Isso é que ele era!» — retorquia, indignado, o Toneco. — «O Sultão não nos fez partida, tenho a certeza!»

— «Não nos fez partida e fugiu!» — tornava a irmã.

Teimoso, o pequeno insistia: — «Não acredito que ele tivesse fugido!»

— «Pensas, então, que o levaram ao colo, à força, a um grandalhão daqueles?»

Os dois irmãos não pregaram olho em tóda a noite e levantaram-se cedo para acompanhar o pai, que os levou consigo no automóvel.

Chegados à quinta indicada, foram recebidos pelo proprietário — o sujeito que lhes telefonara.



— «O cão está numa jaula» — explicou ele aos recém-chegados.

— «Numa jaula?!... O nosso Sultão, que é tão manso! Tão bom cão!» — exclamaram, a um tempo, os três, admiradíssimos.

— «Manso?!... Uma fera que morde em tóda a gente! O meu caseiro anda de braço ao peito, tamanha foi a dentada que nêle apanhou! A cozinheira mordeu um dedo, ao moço de lavoura uma perna!... Tudo porque o querem obrigar a comer! Desde que cá está, quer dizer, há três dias, ainda não enguliu coisa alguma!»

— «Pobre Sultão, coitadinho!» — mur-

ção de guarda, e este parecia ter caído do céu para o substituir! Logo o caseiro ofereceu por ele vinte escudos, que os garotos dividiram entre si, radiantes por tanta sorte. O Sultão foi recolhido nesta quinta, mas, indomável, não fazia senão rosnar, mordendo tódas as pessoas que dêle se aproximavam. E tão furioso estava sempre, que lhe tomámos medo. Resolvi mandá-lo meter numa jaula para que não maltratasse mais ninguém. Além disso, não come nada!»

— «Mas êle, lá em casa, devora quilos de carne!» — exclamou, admirado, o dono do Sultão.

— «Vamos vê-lo, sim, paizinho?» — suplicou o Toneco.

— «Podem ir, mas recomendo-lhes o maior cuidado» — aconselhou, receoso, o proprietário da quinta.

Acompanhou-os, então, até à tal jaula, onde o canzarrão parecia uma fera, rosnando, ameaçador.

Mas, ao ouvir as vozes dos donos, a sua atitude mudou, de repente. Começou a ladrar de mansinho, arranhando com as unhas os varões de ferro da jaula, como a pedir que lhe dessem liberdade.

Foi o que o Toneco fez, correndo a abrir-lhe a porta, sem fazer caso dos protestos da gente da quinta.

Como doido, o cão deu uma corrida para fóra e desatou aos saltos, de contentamento, subindo pelos meninos e pelo dono, em grandes manifestações de alegria.

O caseiro e o patrão assistiram, pasmados, àquele espectáculo, e mais pasmados ficaram quando a Terezinha pôs em frente do Sultão o tacho cheio de comida que êle, até ali, rejeitara e que, num instante, com tóda a voracidade meteu no bucho.

— «E diziam que estavas com fastio!» — murmurou a Terezinha, fazendo-lhe muitas festas na cabeçorra.

— «Era o fastio da saudade!» — comentou o caseiro, cada vez mais admirado do que via.

Mas já o cão corria pela quinta, direito à porta que dava para a rua. Quando os donos ali chegaram, estava dentro do automóvel, esperando-os, no seu lugar costumado, à frente, junto do motorista. Assim, seguiu até casa.

Nunca se soube que artes os garotos haviam empregado para o levar com êles, mas o Toneco continua a afirmar que não foi por falta de amizade que o cão cometeu essa tolice e a prova estava no dito do caseiro, ao ver a sofreguidão com que o animal engulia as sopas, dadas pela Terezinha.

Fôra o «fastio da saudade» que fizera com que êle não comesse, longe dos donos!

Virginia Lopes de Mendonça

CORRESPONDENCIA

Fernando Ferreira Holbeche Fino — Bravo, marca lá dois tentos! Dois, não, quatro, pois acertaste com a solução de tódas as adivinhas.

Carlos Mário Alexandrino da Silva — Pedimos o favor de enviar outro conto em substituição do que mandou, porque, a-pesar de revelar qualidades, não está em condições.

TIO PAULO



— «Não sei, não sei como foi, mas o Sultão era bom amigo. Não havia de querer fugir de nós!»

Nestas questões, o tempo corria e, do Sultão, nada se sabia!

Até que, no terceiro dia, às onze horas da noite, um sujeito desconhecido telefonou, dando-lhes parte de que aparecera, em Benfica, um cão com os sinais do anúncio.

Depois, dizia em que circunstâncias o mandara recolher.

Os pequenos, sobressaltados, queriam, à viva força, ir, imediatamente, buscar o seu amigo Sultão.

A isso se opuseram os pais. Era hora tardia para se trazer o animal.

Iriam de manhãzinha.

muraram os dois pequenos, cheios de pena.

— «E como é que êle veio parar aqui?» — indagou o pai do Toneco e da Terezinha.

— «O caseiro ouviu, na rua, um barulho de latas, uns ladridos e gritos de garotada. Abriu o portão e viu um rancho de rapazes que haviam atado ao rabo dum cão umas latas. O pobre bicho queria desvenenillar-se daquele impecilho e os garotos acirravam-no, gritando à roda dêle. Ao verem o caseiro, preguntaram-lhe se queria comprar o animal que, diziam, os tinha seguido desde a Avenida da República. Por coincidência, há dias que morrera aqui na quinta o velho

* O galo e o mocho *

Por LAURA CHAVES

Certo mocho pensador, que entre os animais vivia, possuía o grau de doutor por sua sabedoria.

Talento enorme era o seu e, da formiga ao macaco, tudo tirava o chapéu diante do seu buraco.

Ora, uma vez, houve um galo —tolo entre os mais toleirões— que não quis cumprimentá-lo e disse quais as razões:

Que era um galo de valia, com crista côm de romã... Tinha uma voz que fazia nascer a luz da manhã...

Tinha a mirada atrevida, uma Romeira vermelha, e na sua cauda erguida os tons do Arco-da-velha...

Tinha espora rija e brava com bico agudo, tremendo, por isso não se curvava ante um bicho feio, horrendo.



Ouviu o mocho a tirada, e, quando o galo acabou, numa voz calma e pausada a seguir lhe perguntou:

— Foste tu que a tua crista fizeste, galo pimpão?—

— O galo, baixando a vista, respondeu vexado:— Não.

— E essa plumagem brilhante foi feita por tua mão, mais essa cauda arrogante?— E o galo acenou que não.

E essa voz que traz a Aurora fizeste-la tu, então, mais a Romeira e a espora?— E o galo plou:—Eu?... Não!—

O mocho disse:— Orgulhoso mais do que tu nunca vi! De que serás tu vaidoso se nada é feito por ti?

Por Deus, em sua bondade, te ter dado um lindo fato, tu não deves ter vaidade, o que deves ser, é grato!

A forma de agradecer a Deus tão raro presente, é não o fazer valer... é usá-lo simplesmente.

E pensa neste conceito que na Verdade se funda: «todo o que nasce escorregado podia nascer corcunda.»

■ F I M ■

No reino dos bichos

DESENHOS PARA COLORIR

Parte do pescoço (5) deverá ser desenhado a azul-celeste.

E aqui temos a ave que mais se aproxima dos astros.

LAGARTO

No Norte de África (Marrocos, Argélia, Tunísia, Tripolitânia, Líbia e Egípto) vive este interessante sáurid, que apenas na cor se distingue dos lagartos que se esgueiram, ladinos por



CONDOR

Aqui temos o rei dos abutres, o condor, a ave que domina as montanhas alcantiladas do Peru.

Sobe a milhares de metros.

Ave de rapina, com um golpe de vista agudíssimo, o condor tem as seguintes cores: castanho nas regiões que têm o n.º 1. A crista e os corais, a encarnada. Com o lápis amarelo podem colorir as asas (4) e o peito.

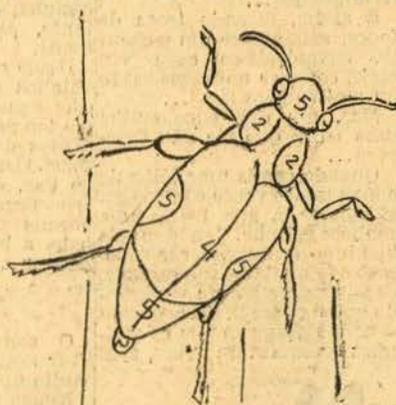


esses campos fóra, ou assomam curiosos, nas frinças dos penedos.

Também pelas suas pequenas dimensões, é inofensivo.

Pode-se-lhe chamar um bicho de furta-côres.

Aprestem a caixa dos lápis...



BESOURO

Interessante insecto, o besouro é bem conhecido de todos.

Os eltros, ou antenas, são verdes. Os olhos são encarnados, bem como os membros e a extremidade do abdômem. O dorso é amarelo, com manchas azuis, laterais (5).

As partes marcadas com o n.º 1 devem ser desenhadas a castanho; ao n.º 2 corresponde a cor encarnada; ao n.º 3, a verde; ao n.º 4, a amarela; ao n.º 5, a azul. Por último, cubram de róxo a parte que tem o algarismo n.º 6.

COLABORAÇÃO
INFANTIL

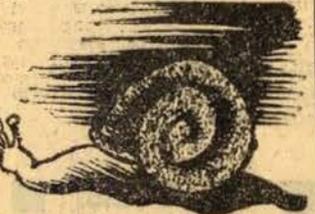
D. CARACOL

D. Caracol Deixa Baba Atrás, Senhor de Terras de Paz, era um caracol que tinha valdade na casa que transportava, única no género e propriedade exclusiva da sua numerosa família que lha havia legado à nascença.

Quando ao romper do sol o D. Caracol acordava, saía pressuroso da sua casinha e ia dar um passeio, mais ou menos longo, pela quinta e então aí é que ele a todos mostrava a sua valdade desmedida.

As pobres lesmas, que não tinham a culpa de nascer sem a casca como ele, chamava incompletas ou imitadoras da sua ilustre pessoa...

As minhocas perguntava, com ares trocistas e modos petulantes, porque não se dignavam viver ao ar livre, ou debaixo das ervinhas tenras e



se metiam lá no fundo das suas covas frias e escuras, fazendo lembrar aberturas de formigueiros...

E assim, fazendo troça de todos, achando-se um portento, envaidecia-se cada vez mais, como se houvesse razão ou motivo para isso!...

Mas, um dia, sucedeu-lhe uma coisa que ele não esperava...

Quando comia uma folha de couve muito verde e tenrinha, chegou-se à sua beira uma senhora galinha. Vendo aquele bichinho que devia ser saboroso e se metia na sua casinha, deu-lhe uma bicada tão grande que o pobre D. Caracol caiu dentro da água onde as galinhas costumavam beber, apa-



O alinhodum
aventali-
linho
de
linho

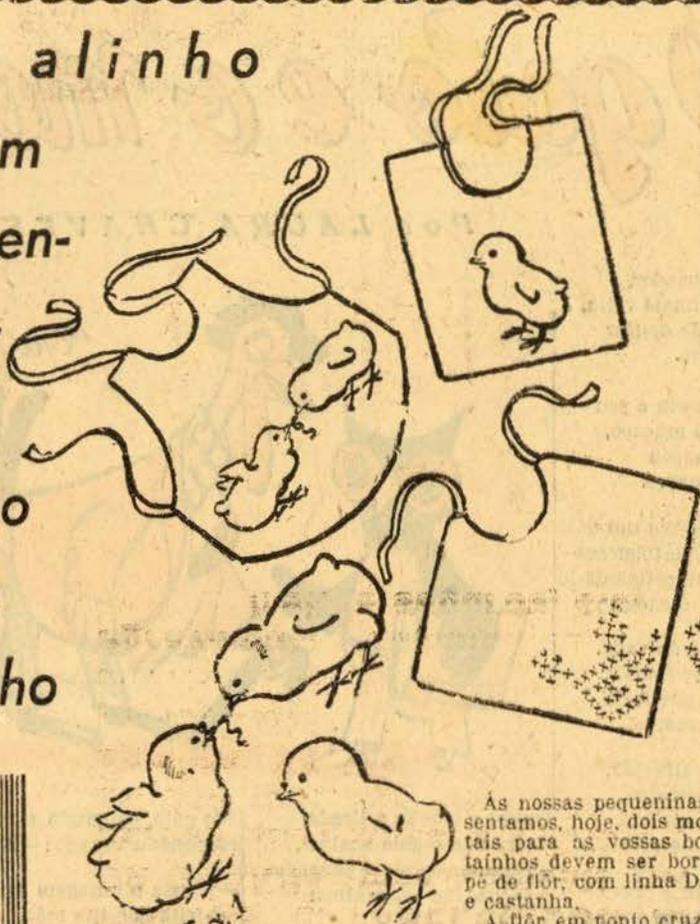


Fig. 1

Fig. 2

As nossas pequeninas leitoras apresentamos, hoje, dois modelos de aventais para as vossas bonecas. Os pontalinhos devem ser bordados, a ponto pé de flor, com linha D. M. C. amarela e castanha.
A flor em ponto cruz, deve ser feita em cor de rosa ou em azul. As folhinhas e o caule a verde, utilizando pequeninos novêlos de «perle».

ARLETE LOPES NAVARRO

nhando assim um banho inesperado e ficando com a sua casinha, que ele estimava tanto, partida e escangalhada.

Desde então, os demais bichinhos da quinta puseram-lhe aquela alcunha e cognome tão pomposos e os descendentes do D. Caracol Deixa Baba-Atrás, Senhor de Terras de Paz, choram a desdita do seu remoto parente, razão porque nós vemos aquela baba a brilhar por onde eles passam...

O conceito que devemos tirar deste conto fantástico é muito útil e moral.

Nunca nos devemos vangloriar das coisas que temos ou sabemos fazer, pois o resultado é quasi sempre mau.

L. S. FABIÃO.

SALVO PELO MEU GATO! *Continuação da página 3*

camente, o meu sonho se tornou em pesadelo. Pareceu-me que um péso enorme caia renitidamente sobre o meu peito. Um animal furioso, pesado, provido de garras, que se parecia com Misti, agitava-se sobre mim e entregava-se a um combate furioso contra minha mãe, que estava transformada num animal estranho, com garras, peludo, com asas moles e silenciosas, como enchumacadas. Ao mesmo tempo, parecia-me que estava mergulhado num banho tépido, cujas ondas me lambiam a garganta. Fiz um esforço de vontade para despertar, para escapar a esse pesadelo. Mas a minha cabeça doía e dorida, tinha frio e, enquanto os dois animais me esmagavam o peito, eu perdi os sentidos.

Quando voltei a mim, estava estendido no chão. Archotes iluminavam a clareira, os meus companheiros de trabalho estavam inclinados sobre mim e um deles deixava-me na garganta uma chávena de *tafia* (rum indígena) enquanto outros dois me friccionavam vigorosamente, eu estava alucinado. De repente, vi Misti, o meu gato preto, eriçado e bufando de raiva, e fez um gesto para o afastar.

—O quê, gracejou um velho colteiro, tu queres mal a esse pobre animal? Contudo, ele salvou-te a vida!

Dizendo isto, inclinou um dos archotes para o chão. Os meus olhos seguiram-lhe o gesto e então vi junto de mim um animal estranho. Peludo como um rato, alado como um pássaro, com uma cabeça de ratinho, de orelhas compridas e de nariz cornífero como o dum rinoceronte. Estava estendido sobre a erva, mole, sangrento, horrível, ostentando uma envergadura de quasi um metro. E era este animal de pesadelo que provocara a cólera de Misti.

—«O que é?» perguntel eu, cheio de horror.

—«Um vampiro-espectro», respondeu o velho.

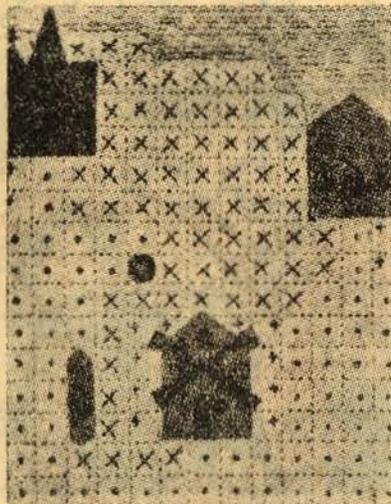
Arregalei os olhos, mostrando a minha ignorância.

—«Sim, o vampiro, o morcego do Brasil, um animal nocturno, imundo, que suga o sangue dos animais e, se for preciso, dos homens adormecidos. Estava quasi a beber-te a vida, meu rapaz, e, se não fosse o teu gato matá-lo, tu serias amanhã apenas um cadáver.»

Os meus companheiros contaram-me, em seguida, os costumes desses animais e que explicava o meu sonho: o leque, a mão meiga, a picada no pescoço, o sangue morno que corria da minha garganta. Esses monstros, para adormecerem as suas vítimas, batem docemente com as asas sobre a sua cabeça, enquanto chupam, até as veias ficarem sem sangue.

E sem Misti as minhas aventuras teriam terminado nessa noite. Compreendemos agora porque sinto tanta indulgência quando vejo os gatos perseguirem os ratos e mesmo caçarem os pássaros? É que penso sempre no morcego gigante e no valente gato que, guiado pelo seu duplo instinto, me salvou a vida.

UMA PARTILHA COMPLICADA



Solução do problema anterior

A RESPOSTA do FEITOR

por FELIZ VENTURA



O feitor «Manel» Tacanho numa certa ocasião, a caminho da Cidade, foi em visita ao patrão.



Para se não esquecer, marcou, numa relação, quanto naquele ano a Quinta tinha já de produção.

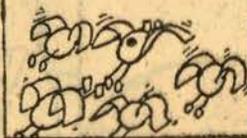
Tudo estava enumerado e a lista findava assim: — Dez dúzias de «belancias» «avovras» e «feijolim».

Diz-lhe, risonho, o patrão quando a leitura acabou: «O resto está muito bom; gramática é que faltou.

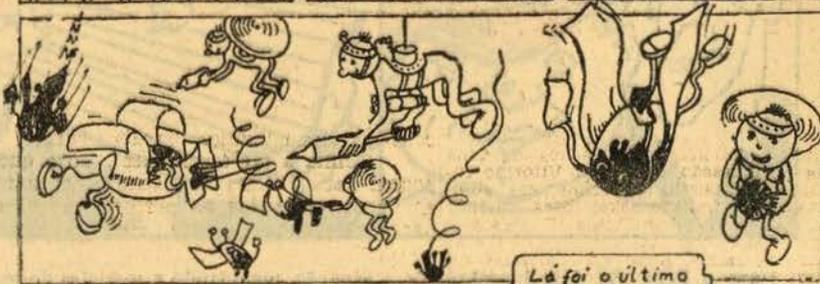
E logo, sem embargo, voive ele serenamente: —«Xim xenher», mas este ano «num tinha decha xemente.»



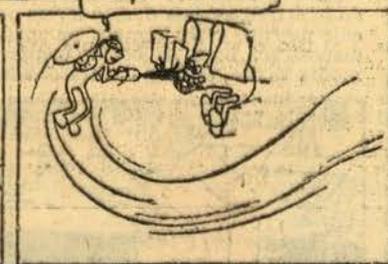
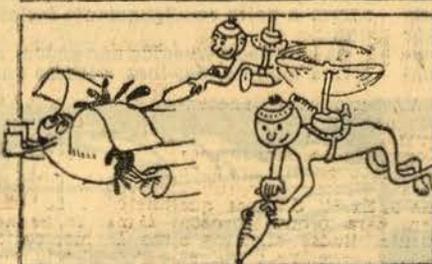
Os monstros voadores levam tom voo ao encontro dos irrequietos, que, armados de setingas com tinta preta, hára os eocar.....



Os esperam a «pe firme».



Lá foi o último



AGORA PODIAM DESENHAR-LOS A VONTADE..

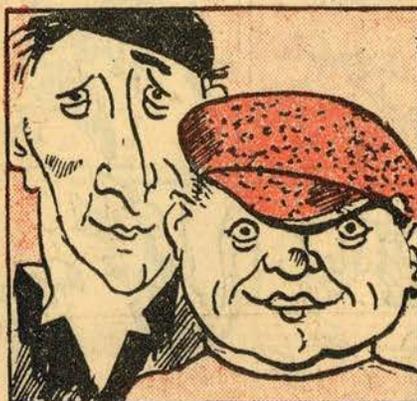


E depois de todos os monstros, ficaram devidamente catalogados, voltaram ao seu país.

—(Continua no próximo número)—



AVENTURAS DE PACO E DE PECO



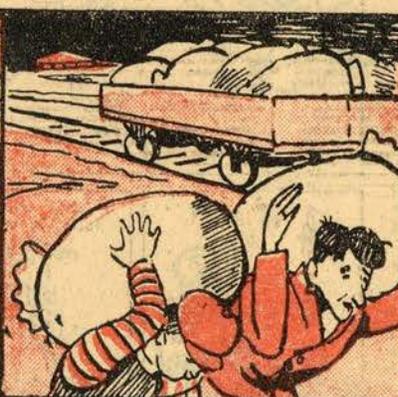
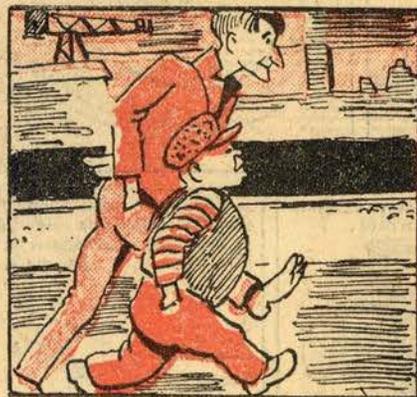
Paco e Peco são dois inseparáveis amigos que, a-pesar de não terem onde cair mortos, estão sempre na melhor disposição. Com os bolsos completamente vazios, ei-los a dar tratos à ima-

ginação, magicando a maneira de pas-sarem a noite condignamente instala-dos.

Os bancos da Avenida não podem, de forma alguma, dar-lhes a ilusão dum

colchão de arame. Não servem, por-tanto, ao seu objectivo.

— «Eureka!» — exclama, finalmente, o Paco, batendo com dois dedos na testa. Vamos para a praia de Algés.» — «Bela



idéa: — exclama o Peco nada peco; fa-remos na areia uma cama de trús. — Mas... e as almofadas e os coberto-res?!»

— «Vamos andando, pois pode ser que, pelo caminho, nos ocorra uma idéa. Remoendo projectos, ei-los, muito

calados, a caminho da praia... Ao atra- vessarem a via férrea, surge-lhes pela frente um vagão, pronto a seguir o seu destino às primeiras horas da ma-nhã.

— «Alto!» — brada o Peco. — Já temos cobertores e almofadas.» — «Onde?» —

interroga o Paco, confiado no genia! bestunto do seu amigo.

— «Aqui mesmo!» — volve o Peco, pe-dindo a este que o auxilie a tirar do vagão, três sacos de farinha. E ei-los já, com estes às costas, descendo à praia, onde os abrem, fazendo das respecti-



vas sarapilheiras improvisados cober-tores e almofadas.

Feita a cama, que ficou magistral, ei-los sonhando que se encontram no Palácio Hotel do Bussaco.

Despertando ao apitar do comboio

das mercadorias na estação de Algés, sentem agora a falta do pequeno al-môço.

Pão já nós temos!...» exclama o Pa-co, arregaçando as mangas da camisa e amassando a farinha, a qual, já enfor-

mada em papo-sêcos, transportam ao forno da padaria mais próxima.

Vendendo metade da fornada, ei-los aptos a adquirir na próxima leitaria o que lhes faltava para um completo pequeno almôço.